

ESTREITANDO FRONTEIRAS: Territorialidade e Identidade no Bumba-meu-Boi do Maranhão

Carlos Benedito Rodrigues da Silva¹
Carla Georgea Silva Ferreira²

BUMBA-MEU-BOI SEUS ENREDOS E SOTAQUES

No Brasil, as brincadeiras³ de bumba-meu-boi estão dentre as manifestações culturais populares mais difundidas, recebendo formas, designações e características que variam segundo estilos de cada região. Isso levou Mário de Andrade a considerar a *figura do boi como o animal nacional por excelência*. (ANDRADE: 1982).

Câmara Cascudo (1949) chama a atenção para o caráter nacional desse evento popular, apontando o bumba-meu-boi como um Auto nordestino, cujas múltiplas origens não se pode precisar com certeza.

Diz-se que nasceu no Nordeste, porque as mais remotas notícias dele vêm através do jornal “O Carapuceiro”, editado no Recife, no ano de 1840, pelo padre Miguel do Sacramento Lopes Gama.

O Auto do bumba-meu-boi se passa numa fazenda de gado, revelando a dramaticidade e a rigidez das relações hierarquizadas desse universo. O amo do boi, que simboliza o dono da fazenda, descobre que seu boi de estimação desapareceu e o responsável pelo desaparecimento foi Francisco, trabalhador da fazenda, apelidado Nego Chico que, temeroso das represálias está foragido.

O amo toma a iniciativa então, de chamar os vaqueiros e depois os índios que vivem em torno da fazenda para procurá-lo. Porém todos retornam mal sucedidos. Após uma série de peripécias ritualizadas ao som de toadas, Nego Chico é encontrado e, ameaçado, confessa o crime, revelando o motivo de tal feito.

Catirina sua mulher, grávida, tem o desejo de comer a língua do boi, convencido por ela, rouba o boi e foge com ele da fazenda. Piedoso, por se tratar de um desejo de grávida, o fazendeiro faz um trato com Nego Chico, se o boi ressuscitar ele será perdoado. São convocados doutores, padres e feiticeiros, que acabam ressuscitando o animal. Com isso Nego Chico é perdoado e todos comemoram em uma grande festa.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão. Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros NEAB–UFMA. São Luís – Maranhão - Brasil

² Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão e Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros NEAB-UFMA. São Luís – Maranhão - Brasil

³ “Brincadeira” é expressão nativa muito usada em vários folguedos brasileiros. O termo assinala, com propriedade, sua dimensão lúdica e festiva. Para enumeração de suas variantes, ver também CNFCP, 2003a.

No Maranhão a festa do bumba-meu-boi é considerada uma das mais importantes manifestações da cultura popular, especialmente, no mês de junho, quando a Ilha de São Luís praticamente transforma-se em um grande arraial. Um centro dinâmico de exposição cultural, marcado pela diversidade de manifestações envolvendo dança, música, ritmos, cores e simbologias (Silva 2007).

Um aspecto referente ao Bumba-boi é a classificação atribuída por alguns estudiosos. Segundo Azevedo Neto (1997), os diversos grupos de bumba-meu-boi de São Luís e do interior do estado, estão divididos em grupos, subgrupos e sotaques. Cada grupo tem características próprias, que se manifestam nas roupas, na escolha dos instrumentos, na cadência da música e nas coreografias.

Sotaque de Matraca ou da Ilha é predominante na Ilha de São Luís, tem como instrumentos: matracas feitas de madeiras que são batidas uma contra a outra, produzindo um som estridente; pandeirões, um arco de madeira com cerca de um metro de diâmetro, coberto com pele de animal; tambor-onça, uma espécie de cuíca com som mais grave; maracá, um chocalho grande, geralmente prateado, utilizado pelos cantadores para marcar o ritmo da música; apito (utilizado pelo cantador para anunciar o início e o fim das toadas). Na frente do grupo ficam as índias, o cordão de rajados, os caboclos de pena que dançam em fila ao redor do boi.

Sotaque da Baixada, embalado por matracas e pandeiros pequenos, um dos destaques deste sotaque é o personagem Cazumbá, uma mistura estilizada de humano e sobrenatural que, vestido com uma bata comprida, máscara de papel maché, isopor ou outros, badalando pequenos sinos, divertem ou assustam os brincantes e o público.

Sotaque de Orquestra caracterizado pela utilização de instrumentos de metais, banjos e maracás e por suas danças coreografadas. Peitilhos (coletes) e saíotes de veludo com miçangas e canutilhos são alguns dos detalhes de suas roupas.

Sotaque de Costa de Mão atualmente existem poucos grupos desse sotaque. Originário da região de Cururupu, seus instrumentos de percussão são diferentes dos utilizados pelos outros sotaques. Apresentam grandes tambores no estilo atabaques e caixas, batidos com as costas das mãos.

As alterações, pequenas ou grandes, apresentadas nesse conjunto de características, por imposições econômicas ou estéticas da indústria cultural, estimulam o surgimento de outros grupos no bumba-meu-boi maranhense, especialmente no sotaque de Orquestra. Azevedo Neto (1997) os classifica como subgrupos. Na classificação da Secretaria de Cultura, são chamados Parafolclóricos, que se apresentam ao longo do ano fora do período das festas.

Existem, porém, outros grupos, característicos de diferentes regiões do interior do estado que, esporadicamente, se apresentam em algum evento festivo, promovido pela Secretaria de Cultura, mas não se encaixam nessa classificação.

Segundo Sousa (2002), a classificação de Azevedo Neto não dá conta de explicar a diversidade rítmica do bumba-meu-boi e acaba por restringir as análises a uma influência específica, ou seja, as críticas que pesam sobre esse autor, são no sentido de que ele, não apresenta provas históricas, baseando-se apenas na intuição e em uma análise centrada no mito das três raças.

Os grupos, os subgrupos e os sotaques são bem diferentes entre si. As raízes são claras e incontestáveis. Em uns há a marcante influência indígena no ritmo, nos instrumentos, no guarda-roupa e no baiado – é o Grupo Indígena. Em outros – os que formam o Grupo Africano – o ritmo, o baiado e os instrumentos são negros. E a influência maior no guarda-roupa é negra também. Há ainda vindo de passado recente, um grupo onde a coreografia, o guarda-roupa e os instrumentos são tipicamente brancos: o Grupo Branco. (AZEVEDO NETO 1997:31)

Não há consenso entre os estudiosos sobre as classificações adotadas em suas análises sobre os bumbas e seus sotaques. Para uns, existem três sotaques originários, Matraca, Zabumba e Orquestra com algumas derivações, outros preferem entender cada sotaque como uma realidade própria, sem se referir as derivações.

Conforme CARVALHO 1995, p. 47:

Os bois maranhenses acham-se divididos em sotaques, que representam os estilos, as formas, as expressões dominantes nos grupos de bumbas, enfim a sua maneira de ser. Esta divisão se fundamenta em determinadas características específicas, que resultam em afinidades e diferenças, no tocante a: concepções, organização e forma de apresentação. Assim ocorrem variações quanto aos elementos básicos do bumba, tais como: o ritmo, o bailado, os instrumentos, o guarda-roupa, as toadas, o auto.

O SOTAQUE E ZABUMBA

As questões que trazemos para esse debate resultam de pesquisas que desenvolvemos sobre o bumba meu boi no sotaque de zabumba em São Luis do Maranhão, visando compreender, entre outras coisas, o processo de reorganização de seus integrantes no espaço urbano, a partir de seus deslocamentos desde as comunidades rurais quilombolas.

A opção em estudar o Boi de Zabumba se deu, pelas peculiaridades que esse grupo apresenta enquanto grupos étnico-raciais, marcados pela expropriação e violência, mas também, por uma dinâmica de criatividade e solidariedade, no enfrentamento do cotidiano.

Existem atualmente 15 grupos de Boi de Zabumba em São Luís. Esses grupos são formados, em sua maioria, por afro-descendentes vindos do interior do estado, que compartilham experiências comuns a partir das raízes etnico-culturais, herdadas do escravismo colonial. Além do que, os Grupos de Zabumba são constituídos por laços de parentesco e de territorialidades, entre os seus componentes há um grande número de idosos e também de crianças, o que implica no repasse dos saberes, possibilitando a continuidade da “brincadeira”, através de várias gerações.

A escolha se deu também, pela constatação de que, embora seja reconhecido como um dos mais antigos e, apesar da energia que transmitem em suas apresentações, o sotaque de Zabumba é considerado de menor importância, no contexto do bumba meu boi maranhense, recebendo pouca atenção do público e, principalmente, dos estudiosos, pois, embora a produção bibliográfica sobre a diversidade rítmico-cultural no Maranhão tenha aumentado nos últimos anos, existem ainda poucas referências ao sotaque de Zabumba, os enfoques mais freqüentes priorizam os sotaques de Matraca e Orquestra.

Dada a sua importância, como uma das expressões que sobrevivem tanto às transformações impostas pelos elementos da modernidade, que atribuem maior visibilidade às manifestações ligadas à cultura do espetáculo, como também ao descaso revelado pelos órgãos governamentais de promoção cultural, entendemos que o sotaque de Zabumba merece ser estudado, com o objetivo de lhe atribuir maior visibilidade, enquanto manifestação de etnicidade, no cenário da cultura popular do Maranhão.

Considerado por alguns estudiosos o ritmo original do bumba-meu-boi maranhense, segundo Michol Carvalho, no sotaque de Zabumba:

A presença africana é mais incisiva, cuja percussão rústica produz um ritmo mais lento, socado, que lembra a melancolia do banzo ou a tristeza das senzalas. (CARVALHO 1995, p. 48)

Sua coreografia, segundo os brincantes, é difícil de aprender, apresenta um bailado diferente em relação aos outros sotaques. Diferente também é o toque de seus instrumentos, a zabumba, instrumento que dá nomeação ao sotaque, coberto com couro de animais dos dois lados, possui um som agudo e é tocado por uma baqueta grossa; o tamborinho, semelhante aos tamborins utilizados nas escolas de samba, porém mais largo, produz um som grave.

Além dos instrumentos de couro, são usados também, os maracás, chocalhos pequenos, utilizados no Boi de Zabumba pelos Caboclos de fita ou Rajados, marcando o ritmo da batucada. Todos os cantadores usam o apito para anunciar o início e o final das toadas.

Um elemento característico em todas as apresentações é a fogueira. Em todos os grupos, existem as pessoas responsáveis por transportar pedaços de paus, ou palhas de

palmeira, para manter aceso o fogo, em torno do qual, os ritmistas se revezam aquecendo os instrumentos para obter a afinação adequada, enquanto atualizam as conversas e sociabilizam novas estórias.

O sotaque de zabumba apresenta como personagens, os Rajados ou Caboclos de fita, que vestem um saíote bordado com canutilhos, miçangas e paetês por cima da calça, seus chapéus são em forma de cogumelo, todo enfeitado com fitas e na parte da frente têm uma espécie de cortina feita de canutilhos pendurados, cobrindo parte do rosto.

As tapuias, tradicionalmente, vestem-se com uma saia de ráfia, fibra desfiada dos sacos utilizados para transporte de cereais. Atualmente, essas vestimentas têm sido substituídas por tecidos de pano bordado, com as cores de cada grupo e enfeitados com adereços e penas coloridas, sintéticas ou de aves. O boi possui a carcaça menor que a dos outros sotaques. O couro é bordado em relevos a partir de enxertos com tecidos, miçangas, pedrarias e acolchoados.

A origem do bumba meu boi no sotaque de Zabumba é atribuída à região do Litoral Ocidental Maranhense⁴, mais especificamente ao Município de Guimarães, por isso este sotaque é conhecido também como sotaque de Guimarães.

Embora suas origens sejam atribuídas ao município de Guimarães, isso não quer dizer que só existem ocorrências deste sotaque naquele município, ou somente na região do Litoral Ocidental Maranhense, pelo contrário, as brincadeiras do Zabumba existem também, em várias outras regiões, especialmente, nas áreas de concentração das terras quilombolas.

Estudos realizados pelo Centro de Cultura Negra do Maranhão, através do Projeto Vida de Negro (2002) e pelo Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica (Ciga), da Universidade de Brasília (UNB) indicam a existência de aproximadamente 2.000 comunidades negras rurais no Brasil, sendo que, o estado do Maranhão concentra o maior número, cerca de 700 comunidades, seguido da Bahia e do Pará.

Segundo a publicação Terra de Preto: quebrando o mito do isolamento (CCN-MA: 2002:37) essas áreas são definidas como

espaços rurais baseados na produção agrícola, trabalho familiar e também, uma unidade econômica que se circunscreve num território, regida por normas consuetudinárias de trabalho, convivência social, reconhecidas e respeitadas pelos moradores da área e pelos vizinhos próximos.

O Bumba-meu-boi de Zabumba está diretamente relacionado a essas comunidades. O deslocamento desses sujeitos para a capital se deu, desde o início do século

⁴ As cidades que compõem a região Litoral Ocidental do Maranhão são: Alcântara, Apicum - Açu, Bacuri, Bacurituba, Bequimão, Cajapió, Cedral, Central do Maranhão, Cururupu, Guimarães, Mirinzal, Porto Rico do Maranhão, Serrano do Maranhão.

XX, em consequência das constantes ameaças de invasão de suas terras, por parte de grandes latifundiários, grileiros, políticos, entre outros, ou em busca de melhores condições de vida e trabalho, deixando para trás, os laços de solidariedade e reciprocidade, especificidades culturais construídas ao longo de várias gerações.

Mas, o grupo do meu povo que tem aqui são aquelas pessoas que vieram do interior, que os mais sabidos foram cercando o mato e expulsando eles de lá pra fora. (Justino Pereira entrevistado em 05/04/2006)

O deslocamento para a capital se dava através das embarcações que transportavam a produção agrícola, extrativa e de pesca, para os portos localizados nos bairros que foram se formando ao longo da margem do Rio Anil⁵, tais como Camboa, Liberdade, Fé em Deus, Alemanha, Ivar Saldanha e, também, do Rio Bacanga e Rio das Bicas⁶, a exemplo do Bairro de Fátima (antigo Cavaco), Sá Viana, Vila Embratel, Vila Bacanga, Alto da Esperança etc⁷.

A maioria desses sujeitos, hoje idosos, contam que saíram de suas regiões em busca de melhores condições de vida e ao chegarem “na cidade”, se depararam com as dificuldades no enfrentamento das novas situações apresentadas pelo espaço urbano, além do que, encontraram dificuldades em conseguir emprego por serem semi-alfabetizados ou analfabetos. Nesse contexto, tanto a estiva, quanto a localização desses sujeitos nos bairros onde já viviam outros que fizeram a mesma trajetória, tornaram-se alternativa de trabalho, meio de sobrevivência e também, local de reencontro de sujeitos com histórias comuns.

Foi a rearticulação dessas pessoas nesses espaços que proporcionou o surgimento de alguns dos Bois de Zabumba mais famosos de São Luís, como o Boi de Seu Misico(conhecido atualmente como Boi da Vila Passos), o Boi de Seu Laurentino (hoje chamado de Boi da Fé em Deus ou Boi de Terezinha Jansen), o Boi da Liberdade (Boi de Leonardo), entre outros.

No entanto, apesar de deixar suas comunidades, esses migrantes não perdem os laços de identificação com seu lugar de origem. Silva (2001) chama isso de *elo de continuidade* entre alguns grupos sociais, pois mesmo morando em outra cidade, retornam às suas comunidades em determinadas épocas do ano, para participar das festas, ou então, se reagrupam em São Luís, através dos grupos de Boi de Zabumba. É possível ainda, identificar outros que se deslocam do interior para “brincar o boi” nos grupos onde estão “os do seu lugar” no período dos festejos juninos.

⁵ Rio que circunda a Ilha de São Luís.

⁶ Rio que circunda a Ilha de São Luís e faz ligação com as áreas do interior do Estado do Maranhão.

⁷ Vide Rítmos da Identidade Afro-Maranhense: Boi de Zabumba. São Luís: EDUFMA. 2008.

O boi simboliza um espaço de reorganização dos laços de solidariedade e sociabilidade, tanto os ensaios como as apresentações dos grupos, possibilitam o reencontro dos brincantes com seus conterrâneos, parentes e amigos que fizeram o mesmo percurso, estimulando inclusive, um trânsito desses indivíduos entre os bairros onde os do “seu lugar” estão presentes, mesmo que seja distante dos seus locais de moradia.

A exemplo, no Boi da Associação Junina Dois Irmãos, mais conhecido como Boi de D. Zeca, ainda que a sede seja no Bairro de Fátima, participam pessoas do Bom Jesus, Coroadinho, Ivar Saldanha e de Central, no interior do Estado. Da mesma forma, na Associação Junina de Bumba-meu-boi Capricho do Oliveira, sede do Boi da Dona Hilda que fica no bairro São Francisco, a maioria dos brincantes é de Macajubal, comunidade localizada no município de Alcântara. Isso se repete também com outros grupos.

Nos relatos do Sr. Raimundo Nonato, do Boi da Liberdade, Sr. José Sotero, do Boi da Vila Passos e de Sr. Luís Silva, do Boi de Dona Romana, na Liberdade eles dizem:

Sou do interior de Pinheiro, hoje eu moro no bairro da Fé em Deus, mais brinco no Boi da Liberdade, porque aqui tem mais pessoas do meu interior. (Raimundo Nonato, do Boi da Liberdade, entrevistado em 05/04/2007)

Brinco no Boi da Vila Passos porque lá tem muita gente do meu interior, Guimarães, inclusive mais eu moro no Anjo da Guarda. (José Sotero, do Boi da Vila Passos entrevistado em 05/11/2007)

No Boi de dona Romana tem muita gente de Alcântara, e como eu sou de Alcântara, gosto da brincadeira e eles são meus conterrâneos, me chamaram para brincar lá. (Luís Silva, do Boi de Dona Romana, na Liberdade, entrevistado em 14/07/2007)

Esses relatos reforçam a concepção de que o Bumba-meu-boi de Zabumba, em toda a dimensão de suas manifestações, tem um caráter de fortalecimento das relações de sociabilidade e territorialidade, essas relações são explicitadas na fala dos brincantes quando estes se referem à sua participação no boi.

Segundo Milton Santos (1993: 61)

O território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas é também, um dado simbólico.

Assim, completa ele, a territorialidade (1993: 62).

Não provém do simples fato de viver num lugar, mas da comunhão que com ele mantemos. Esta relação de comunhão entre o homem e o lugar simbólico é o que caracteriza seu modo de ser no mundo, uma situação que compreende também um corpo, uma posição, um passado, uma relação fundamental com os outros homens.

A noção de territorialidade a que nos referimos, deve ser entendida, portanto, como um conjunto das relações simbólicas, apoiadas na reciprocidade e ajuda mútua entre os indivíduos, redefinindo suas relações entre o rural e o urbano, ressignificando práticas tradicionais de trabalho, lazer e devoção como componentes da vida cotidiana.

O ato de “brincar boi” está marcado por situações vivenciadas no cotidiano, como fazer uma promessa e cumpri-la, caminhar em romaria, dançar frente à imagem do santo, entre tantos outros motivos que induzem aos crentes, a extrapolar suas ações, estreitando os limites entre o simbólico e a vida real.

Segundo Brandão (2004), a festa é uma fala, uma memória, uma mensagem, uma vez que leva os sujeitos a viver, no lugar festivo, o tempo simbólico que interrompe o cotidiano.

Nessa concepção, a festa insere um novo significado às vivências dos sujeitos, apoderando-se da rotina, excedendo a lógica das relações sociais, constituindo um cenário diversificado de práticas e representações que expressam sentidos variados de viver, participar e festejar, revelando o sentimento de pertença a um grupo, uma cultura e uma história.

Ou seja, uma história de diversidades, solidariedades e identificações, construídas nos ritmos ressignificados pelo Atlântico Negro.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário de. Danças dramáticas do Brasil. 2ª ed. Belo Horizonte; Itatiaia; Brasília: INL/Fundação Pró - Memória, 1982.

BARTH, Fredrik. "Grupos étnicos e suas fronteiras". In: POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. Teorias da etnicidade, seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth. São Paulo: Editora da UNESP, 1998 [1969].

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. De tão longe eu venho vindo – símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora UFG, 2004.

CARVALHO, Maria Michol Pinho de. Matracas que desafiam o tempo: é o bumba-meu- boi do Maranhão. São Luís: EDUFMA, 1995.

CASCUDO, Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro, Rio de Janeiro, Edições Ouro, 1949.

CNFCP. 2003a. CD-Rom. Tesouro de folclore e cultura popular. Rio de Janeiro: CNFCP/IPHAN/Minc.

FERREIRA, Carla Georgea Silva. Bumba meu quilombo: o festival de bumba boi de zabumba em São Luís. UFMA. São Luís, 2006 (Monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais).

NETO, Américo Azevedo. Bumba-meu-boi no Maranhão. Ed. São Luís: Alumar, 1997.

SANTOS, MILTON. O Espaço do Cidadão. São Paulo: Nobel, 1993.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. Ritmo da Identidade: mestiçagens e sincretismos na cultura do Maranhão. São Luis, MA, SEIR/FAPEMA/EDUFMA. 2007.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. e FERREIRA, Carla Georgea Silva (orgs.) Ritmos da Identidade Afro-Maranhense: Boi de Zabumba. São Luis: EDUFMA. 2008.

SOUSA, Arnaldo Martins de. Dando nome aos bois: a identidade como artefato. UFMA. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Sociais, UFMA São Luis.

Periódicos

CENTRO DE CULTURA NEGRA. Terra de Preto no Maranhão: Quebrando o Mito do Isolamento. São Luís: [s.n.], 2002.